

**Territórios e Territorialidades
na Rede Cultura Viva da Região Sul
(Programa Cultura Viva – Ministério da Cultura)**

O Projeto Territórios e Territorialidades na Rede Cultura Viva da Região Sul, em fase de pesquisa, é a oportunidade e continuidade e aprofundamento da dissertação mestrado Arte e Cidadania – Diálogos no Projeto de Descentralização da Cultura da Administração Popular de Porto Alegre.

Sabe-se que a partir da abertura política no Brasil, os projetos de arte desenvolvidos nas comunidades de periferia do país, mobilizados pelos movimentos de arte-educadores e de educadores populares contribuíram para a construção de um olhar sobre as formas de produção de cultura.

Na contrapartida da cultura “bancária”, fomentada pela *cultura de massa*, (isto é a partir da disseminação de padrões mais ou menos hegemônicos de consumo cultural) ou na manutenção das *formas elitistas* de produção cultural (isto é, a concentração da produção cultural distanciada das classes populares), estas experiências apontam, como caminho possível, para o deslocamento e a emergência de novos espaços de produção cultural, a partir de uma visão marcada pela valorização da pluralidade da produção de imaginário¹, com capacidade de organizar novos territórios.

Estes territórios emergentes, em suas distintas formas – de organização, de produção, de reapropriação dos espaços da cidade e da periferia, entre outros -, vêm construindo estratégias de afirmação e resistência, que alimentadas por uma ética de solidariedade, por uma política da amizade, fomentam identidades inventivas e desejantes, e são fortalecidas através dos intercâmbios de experiências com capacidade de resposta à formação de redes e de novas ações e corredores culturais.

É baseado em experiências como estas que o Ministério da Cultura no atual governo, desenvolve o projeto “Cultura Viva” – Pontos de Cultura, promovendo espaço, no âmbito nacional, para uma ação ampla de política cultural que, amparada em pressupostos de participação e descentralização, revigora as idéias e ideais até então operados de modo mais local.

A proposta de investigação, como objeto de estudo, sobre o **Programa Nacional de Cultura, Arte e Cidadania - Cultura Viva / Pontos de Cultura**, instituído pelo Minc em 06 de julho de 2004 (Portaria nº 156) que, como hipótese tentativa, se funda, em ponderável medida, no caldo das experiências antes assinaladas, e guarda em si a possibilidade de geração de redes intercambiáveis de ações culturais/cidadãs capazes de revelar por um lado, através da emergência do lugar dos seus próprios atores e, por outro, em sua potencialidade, indo ao encontro de uma política nacional que, transcendendo, em seus objetivos, apresenta um panorama cultural marcado pela diversidade, sugere a instauração de um futuro: territórios como palco das manifestações de lugar espacial e social; território como rede emergente das relações de solidariedade entre atores produtores de cultura; território que, como cultura de Nação, se

¹ Imaginário é um conjunto de imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado, de formas tanto quanto possível universais e invariantes – e que derivam de sua inserção física, comportamental, no mundo – e, de outro, de formas geradas em contextos particulares historicamente determinantes. Coelho 1997, p.213.

expressa e se faz sentir - reconstrói sua identidade na diversidade - numa perspectiva de mundo globalizado.

Programa Cultura Viva - Pontos de Cultura fortalece o diálogo com os três conceitos-chaves, que com dimensões articuladas, definem a ação do Ministério da Cultura, a saber: cultura como usina de símbolos, cultura como direito e cidadania, cultura como economia.

O Programa Cultura Viva é concebido como uma rede orgânica de criação e gestão cultural mediados pelos Pontos de Cultura, sua principal ação. O papel do Ministério é através de editais, agregar recursos e novas capacidades a projetos e instalações já existentes, que amplifiquem as possibilidades do fazer artístico e recursos para uma ação contínua junto às comunidades. O objetivo do Programa é potencializar energias sociais e culturais, dando a vazão à dinâmica própria das comunidades, entrelaçando ações e suportes dirigidos ao desenvolvimento de uma cultura cooperativa, solidária e transformadora, fomentando assim uma rede horizontal de “transformação, de invenção, de fazer e refazer, no sentido da geração de uma teia de significações que nos envolve a todos”²

O Programa Cultura Viva – Pontos de Cultura é considerado pelo Ministério da Cultura o seu programa mais abrangente e profundo do campo da cidadania cultural. Através dos editais, o Programa Cultura Viva firmou convênio com 532 Pontos de Cultura, que se encontram em atividades, distribuídos no território nacional.

Seu objetivo é de potencializar “o que se faz há muito tempo”, isto é, a produção cultural que se encontra em especial nas áreas de risco, nos territórios de invisibilidade, nos grotões e guetos das grandes cidades brasileiras, onde para os gestores deste ministério “pulsa uma cultura e uma arte tão forte [...] que não há miséria, não há indigência, não há descaso e violência que as façam calar” Assim, o Programa Cultura Viva – Pontos de Cultura tem como proposta despertar, estimular e projetar o que “há de mais singular e mais positivo nas comunidades, nas periferias, nos quilombos, nas aldeias: a cultura local”.³

Desta forma, o programa é entendido como uma iniciativa do “Do in antropológico” (expressão utilizada pelo ministro no seu discurso de posse) onde, através da política de fomento deste ministério, acreditam os seus gestores, existe a possibilidade de “tocar” nos “territórios de invisibilidade” onde já existe uma produção cultural, potencializando assim “a energia criadora do país”, através de novos pontos de cultura⁴.

O Programa possui outras ações que dialogam entre si. São elas: o Agente Cultura Viva, Cultura Digital, Escola Viva e Griôs.

O Agente Cultura Viva é uma parceria entre o Ministério da Cultura e o Ministério do Trabalho e Renda. Através do Programa Primeiro Emprego, 12.500 jovens participantes dos Pontos de Cultura, receberão um auxílio financeiro para experimentar, descobrir, inventar e produzir cultura.

Esta iniciativa não ocorre por acaso, ela faz parte da observação de um fenômeno. Verificou-se que em muitos projetos com propostas semelhantes, revelam-se jovens que

² Caderno do Programa Cultura Viva, pg. 18.

³ Caderno do Programa Cultura Viva, pg. 08 – Pronunciamento do Ministro Gilberto Gil sobre o Programa Cultura Viva em Berlim – Alemanha, 02 de setembro de 2004.

⁴ Caderno do Programa Cultura Viva, pg. 08 – Pronunciamento do Ministro Gilberto Gil sobre o Programa Cultura Viva em Berlim – Alemanha, 02 de setembro de 2004.

desenvolvem habilidades tornando-se capazes de atuarem como oficinairos. Um exemplo é a experiência do projeto de Descentralização da Cultura de Porto Alegre. Observa-se também que, para muitos destes jovens, ser oficinairo foi a sua primeira experiência profissional, seu primeiro emprego.

O Ministério da Cultura, através do Agente Cultura Viva, tem como objetivo capacitar e potencializar este fenômeno, qualificando os resultados desta educação informal. Desta forma, nos editais dos Pontos de Cultura é proposto que além das oficinas de arte, desenvolvam oficinas de cidadania, que abordem diferentes temas. Estas oficinas devem estimular a criticidade política e a participação social destes jovens de forma criativa e engajada, mas que proporcione também uma capacitação, no mínimo inicial, para a cadeia produtiva da cultura.

Através da política da Cultura Digital, o Programa Cultura Viva realiza nos diferentes Pontos oficinas de gravação de cd, edição de vídeo, metareciclagem, domínio do softwear livre, entre outros.

Para os gestores do Programa, a proposta da Cultura Digital não se encerra no conhecimento gerado e enriquecido, através do acesso dos participantes do Programa, à comunidade e a cultura virtual, mas o domínio mínimo da tecnologia, tem como objetivo dar visibilidade produção cultural local fortalecendo a materialização da cultura como uma usina de símbolos.

A Escola Viva e os Griôs são ações do Programa que ainda não foram implementadas, e também não serão ações do Programa que farão parte diretamente dos objetos investigados nesta pesquisa.

A Escola Viva tem como objetivo integrar os Pontos à escola (das comunidades) de modo a colaborar para a construção de um conhecimento reflexivo e sensível por meio da cultura. Nesta perspectiva o Programa propõem várias ações entre elas Escola Aberta aos finais de semana e Recreio nas férias, entre outras.

Griôs é o “‘abrasileiramento’ da palavra francesa Griot, usada por jovens africanos que foram estudar em universidades francesas”. Preocupados com a preservação de seus contadores de história, consolidaram um conceito e uma atividade secular a fim de preservar parte de seu patrimônio cultural. No Programa Cultura Viva, a proposta dos Griôs – Mestres dos Saberes, tem como objetivo valorizar aquelas pessoas que tem um acúmulo de conhecimento que pertencem as suas comunidades, proporcionando “através de apoio financeiro e material que estes Mestres dos Saberes continuem, com menos dificuldade, a preservar e reinventar nossa cultura”⁵.

O Cultura Viva é apresentado como um programa de gestão cultural compartilhada e transformadora, onde o conceito de política pública esta em construção. Apostando na gestão em rede, e nas potencialidades locais como um contraponto a uma globalização cultural que uniformiza e pasteuriza, o Programa solicita aos Pontos de Cultura que suas ações dialoguem com os conceitos de empoderamento, autonomia e protagonismo social.

O conceito de empoderamento é compreendido no Cultura Viva, como um processo de transformação das relações de poder, potencializando o que já existe de criativo e inventivo nas áreas de exclusão, e ampliando e fomentando a respeitabilidade local pala sua produção cultural.

⁵ Caderno Cultura Viva, p.28.

⁶ Caderno Cultura Viva p.35

Fazendo uma crítica às gestões públicas de cultura pensada nos marcos do liberalismo (Cultura é um bom negócio “!) e do iluminismo (“ levar luzes à inculta massa “), apontando que estas, retiraram a autonomia e o protagonismo dos movimentos sociais, os idealizadores do Programa acreditam que o protagonismo” dos movimentos sociais aparece a medida que suas organizações são entendidas como sujeitos de suas práticas, que intervêm nas políticas de desenvolvimento social, nos hábitos da sociedade e na elaboração de políticas públicas.⁷

Em relação a autonomia, no Programa Cultura Viva, esta deve ser entendida pelo respeito a funcionalidade e organicidade de cada Ponto, bem como na fomentação de espaços de troca entre os Pontos/Pontos (Rede Cultura Viva) como na interação com a autoridade(sociedade-Estado) e na aquisição do conhecimento, incorporado ao patrimônio cultural.⁸

O Programa Cultura Viva – Pontos de Cultura tem como proposta fortalecer a solidariedade popular, através de intercâmbios de experiências e trocas de tecnologia social⁹, formando assim a Rede Cultura Viva. Esta deve ser entendida, segundo a proposta do Programa, como algo maleável, “menos impositiva na sua forma de interagir com a realidade, e por isso, ágil e tolerante como um organismo vivo”. Seu objetivo “é fazer uma integração dos Pontos em uma rede global que aconteça a partir das necessidades e ações locais”¹⁰, e “desenvolver uma ação proximal dos Pontos, onde a troca, a instigação e o questionamento, elementos essenciais para o desenvolvimento da cultura aconteçam num contato horizontal, sem relação de hierarquia ou superioridade entre culturas”.¹¹

O Programa Cultura Viva aposta, através de suas ações e na fomentação da diversidade cultural numa ação local/global capaz de fazer um contraponto ao processo de globalização, alimentado pelo mercado, que segundo os gestores do Programa, continua impondo com mais força que o Estado, “a uniformização e a pasteurização de gostos e estilos artísticos, com o único motivo de maximizar lucros a partir da venda de produtos culturais em grande escala”¹².

O Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva – Pontos de Cultura, é uma política cultural nova nos que diz respeito à gestão pública realizada até aqui no Ministério da Cultura. Como já foi apresentado, o Programa vem com o objetivo de “potencializar o que já existe”, buscando fomentar a identidade cultural a partir da diversidade , apostando que as práticas culturais promovidas nos espaços de educação informal, são capazes de promover e avançar na idéia de construção do “capital social”, reexaminando as relações entre cultura e desenvolvimento. Para isto, o programa envolve capacitação de jovens, inclusão

⁷ Caderno Cultura viva p. 34

⁸ Caderno Cultura viva p. 34

⁹ Conforme Blass (2007,p.167) Tecnologia Social compreende várias “maneiras de fazer com” que surge na vida cotidiana, abrangendo produtos, métodos, processos ou técnicas criados a fim de enfrentar situações colocadas pela dinâmica da vida.[...] Todas as soluções concebidas como tecnologia social devem atender aos quesitos de aplicação fácil, simplicidade, custos reduzidos, eficácia para a prática e se multiplicarem em larga escala. [...] Neste contexto surgem desde a construção de brinquedos a baixo custo, uso de materiais alternativos na construção habitacional, plantações domésticas, culinária que busca reaproveitar sobras e ou resíduos vegetais como cascas, sementes, etc., até as propostas educacionais não-formais, ou de controle dos riscos ambientais, produção agrícola “orgânica” sem agrotóxico, entre outros.

¹⁰ Caderno Cultura Viva, pg. 15 – Texto de Célio Taurino – Secretário de Programas e Projetos Culturais – Coordenador da Cultura Viva.

¹¹ Caderno Cultura Viva, pg. 15 – Texto de Célio Taurino – Secretário de Programas e Projetos Culturais – Coordenador da Cultura Viva.

¹² Caderno Cultura Viva p. 38

digital e a formação da Rede Cultura Viva como espaço de trocas simbólicas e de suporte a uma nova e possível experiência de desenvolvimento econômico, para as comunidades locais.

Ao olhar brevemente aqui a proposta do Cultura Viva – Pontos de Cultura, percebe-se que este programa está identificado com as propostas das Agendas 21's, contemplando a Agenda 21 da Cultura, bem como a do meio ambiente. As propostas de diversidade, de sustentabilidade da Cultura, presentes nas agendas citadas, dialogam entre si, e apontam para práticas mínimas que devem fortalecer ações de valorização das identidades ou das novas identidades locais, contra a homogeneização cultural, apontada pelo processo de globalização.

Identificamos o programa Cultura Viva – Pontos de Cultura como uma política cultural que possibilita o surgimento e / ou o fortalecimento de novos territórios de produção, identidade e ação cultural. Estes territórios surgem a partir de um lugar – Pontos de Cultura, através da emergência de seus próprios atores, da criação de redes intercambiáveis de produção cultural, daquilo que é vivido, na Geração Ambiente (Rego 2000, p. 07) das oficinas culturais e na formação dos Agentes Cultura Viva.

Na experiência do Projeto de Descentralização da Cultura verificou-se a construção coletiva de “outros espaços educativos e outras histórias na cidade”¹³. Histórias locais, das comunidades, a partir das oficinas, que ao participarem de outras ações em outras comunidades, ao se deslocarem de seus territórios, se resignificavam, se reciclavam e se alimentavam, tanto de novas ações culturais como de novas linguagens, novos fazeres, fazendo novos amigos.

Baseados nas reflexões acima identificamos a proposta dos Pontos de Cultura, como uma “Hermenêutica Instauradora” (Rego 2003, p.278) capaz de ampliar territórios e territorialidades de ações e identidades culturais. Para Rego, baseado nas concepções de Durand e Bacherlard, a “Hermenêutica Instauradora”, se traduz como um determinado jogo de símbolos, do quais não são como um ponto de chegada e sim como um ponto de partida: “a hermenêutica propõe-se ela própria a um agenciamento de futuro”¹⁴.

No Programa Cultura Viva, este “ponto de partida”, assim como foi já demonstrado a partir das Oficinas do Projeto de Descentralização da Cultura, pode constituir-se a partir das experiências estéticas vividas, através das oficinas de expressões culturais, que possibilitam à criação de novas ações culturais no espaço comunidade, onde se localizam os Pontos. Como também, “o ponto de partida” pode nestas experiências dos Pontos de Cultura, estar na formação de redes de trocas solidárias de conhecimento, formação e intercâmbio do imaginário cultural produzidos em cada Ponto, dialogados e distribuídos na e pela Rede Cultura Viva.

Assim, o Cultura Viva, baseado em experiências anteriores, parece propor numa dimensão maior, um agenciamento de futuro, a partir da formação de um rede de trocas e intercâmbios culturais, do protagonismo, da autonomia, do empoderamento, envolvendo conceitos de sustentabilidade, poder local, diversidade cultural, economia criativa, entre outros.

O Cultura Viva é para este ministério, um programa de educação, cultura e cidadania, do qual acreditam os seus gestores e idealizadores, ser a proposta dos Pontos um espaço educativo e colaborador, para o fomento de possibilidades para uma “globalização mais tolerante”¹⁴

¹³ A Arte e a ética da solidariedade – Outros espaços educativos e outras histórias da cidade – Artigo Dorneles 2002 p.34 – Revista Paixão de Aprender – Publicação da Secretaria Municipal de Educação – Porto Alegre – Administração Popular.

¹⁴ Caderno Cultura Viva p. 38

Na contrapartida ao processo de globalização, aparecem as propostas de fortalecimento do poder local e a formação de redes solidárias dos mais diversos tipos de intercâmbios. Propostas também encontradas no Programa Cultura Viva.

Milton Santos (2001, p. 21), no seu livro *Por uma Outra Globalização*, aponta que podemos pensar em uma globalização mais humana. Compreende que “as bases materiais do período atual são antes, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta”. Embora estas com afirma o autor, são as mesmas bases que o grande capital se apóia para construir a globalização perversa, se utilizadas para outros fundamentos sociais e políticos, é possível de se construir uma outra globalização.

Nesta perspectiva, Santos (2001) aponta que a mistura das filosofias devido ao aglomerado das pessoas em áreas menores permite dar um outro dinamismo á existência, apostando na sociodiversidade e na reconstrução da sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade da utilização do sistema técnico atual ao serviço do homem. Junto a isso o autor aposta que a emergência do de uma cultura popular, e a produção de um outro e novo discurso teórico, que ganha relevância a partir de que o homem hoje pode constatar a existência de uma universalidade empírica [...] isto é a explicação do acontecer pode ser feita a partir das categorias de uma história concreta”, também permite, como assinala Santos, a conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história. (ibid. p. 21)

Sabe-se que o Programa Cultura Viva-Pontos de Cultura, é uma iniciativa limitada no que diz respeito ao nível de marginalização e exclusão social do país. Também é obvio, que ele, perante o processo de globalização capitalista, não dará conta de grandes transformações sociais. Mas é o programa, sem dúvida, uma mudança de paradigma no que diz respeito ao investimento em cultura no nosso país, como também um fomento a um processo educativo, que aposta que as pequenas mudanças locais baseadas no engajamento social e comunitário são capazes de realizar pequenas, mas importantes revoluções sociais.

Desta forma, pode-se perguntar a partir de Milton Santos, de que forma nos Pontos de Cultura, a emergência da cultura popular e esta sociodiversidade que estará sendo alimentada pela inclusão digital e formando a Rede Cultura Viva, é capaz de alimentar a narrativa, o outro discurso baseado na universalidade empírica, colaborando e permitindo “conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história”. De que forma esta narrativa, constituída a partir das tecnologias sociais construídas por cada comunidade a partir de sua realidade se constituiu como um instrumento de uma mudança social local, que é capaz de influenciar e ser influenciado pelo diálogo com outras experiências desta rede?

No campo da cultura, como nos lembra Coelho (Coelho 1997.p. 183) o processo de globalização da economia que se associa ao fenômeno da globalização cultural, está em curso pelo menos desde a época das grandes viagens marítimas no século XVI, que resultou a colonização da Américas, e foi intensificada e potencializada, após a Segunda Guerra Mundial. De modo mais específico, nas últimas décadas, a globalização se associa – em particular ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massa e informática que (ibid p. 183).

[...] revela-se antes de mais nada na tendência à uniformização da sensibilidade, via cinema e televisão, o que é conseguido pela distribuição de produtos gerados por um número cada vez menor de fábricas culturais colocadas sob a égide econômica (do gosto) dos padrões americanos administrados por empresas globais. (ibid. 185)

A uniformização da indústria cultural, segundo Coelho, não é ainda absoluta nem inevitável, observa-se um claro ressurgimento da diferença identitária manifestando-se de ora de modo violento ou procurando emergir de uma maneira mais pacífica sob a aparência do multiculturalismo. Para o autor, afirmação e a diferença, o fenômeno da reconversão cultural se difunde e

as culturas e o imaginário nacionais tendem a desmoronar (relativamente), mas não desaparecer de todo o localismo como âncora cultural, quer isso signifique um valor positivo de afirmação identitária, quer negativo quando reafirma de provincianismo não de todo instante do racismo e da xenofobia (ibid. p. 186).

Quanto ao localismo, Coelho (1997 p. 242) designa na pós-modernidade, uma tendência de retorno ao *particular*, ao pequeno e ao *diferente* em posição ao universal, ao grande e ao igual ou o que há de *constante*.

É a fragmentação do mundo contemporâneo que abre que se expressa conceitualmente por um processo de heteroginização caminhando em sentido oposto a homogeneidade promovida pelo pensamento moderno e que tinha por consequência a eliminação do particular que o localismo procura recuperar. O local é um espaço vivido, experiencialmente, como responsável pelo efeito de mundo, e simbolicamente (teatralizado), através de obras de cultura (como efeito de discurso); em contraste o não local é um espaço imaginário, vivido de modo duplamente mediado: simbolicamente e a distância. É esse lugar que investido por uma imagem coletiva, adquire uma função de matriz: dá origem e preserva uma cultura e uma coletividade. Não é um mero terreno ou conjunto de fronteiras físicas, mas um “estado de espírito”. O localismo opõe-se, na atualidade à globalização, com a qual constitui um par de elementos em tensão a cuja volta se tece – ou se esgarça – o tecido social ou, na expressão preferida pelo pensamento pós-moderno, o tecido comunitário. O localismo em política cultural é entendido como indício que aponta para o papel que o afetual representa nas relações entre indivíduos mediados ou não pelas obras formais de cultura. Diferentes programas de ação cultural desenvolvem-se no sentido de oferecer uma possibilidade de ligação ou religação afetual do indivíduo e sua cidade e entre os próprios indivíduos. (ibid p. 242/243)

Coelho aponta ainda que em questão a globalização, são os aspectos comportamentais que as políticas culturais vem lidando na forma de problemas. As soluções que procuram dentro do âmbito que lhe compete, acabam ocorrendo nas experiências dos centros culturais independentes.

Os Centros Culturais Independentes será a função de cada Ponto em sua comunidade. onde através das atividades culturais poderão oferecer uma possibilidade ou religação afetual do indivíduo e sua comunidade, cidade e entre os próprios indivíduos.

Mario Pedrosa apostou que a próxima revolução seria a da estética. Guattari (1993, p 116) viu nas artes uma grande contribuição para a ecologia virtual e ecosofia, do qual acredita

agirá como ciência dos ecossistemas, como objeto de regeneração política, mas também como engajamento ético, estético, analítico, na iminência de criar novos sistemas de valorização, um gosto pela vida, uma nova suavidade entre os sexos, as faixas etárias, e as etnias [...]

Foucault (Ortega 1999, p.171) pergunta nas suas reflexões sobre a ética e a amizade em busca da experimentação de novas formas de vida e de comunidade: Como produzimos uma existência artística?

Desta forma, baseado na política da amizade e da solidariedade apontada na experiência da Descentralização da Cultura de Porto Alegre, do qual vimos ser a arte e a criatividade capaz de fomentar novos intercâmbios e territórios de criticidade, participação social e construção de novas redes sociais de ação cultural para a mudança, como nos aponta Freire (1908); e a partir das reflexões dos autores acima, pode-se perguntar: Serão os Pontos de Cultura, através de suas atividades artísticas e culturais capazes de fomentar a solidariedade horizontal, de que fala Santos (2001 p.85) nos territórios de suas comunidades e no território – rede? Esta solidariedade das horizontalidades será um espaço de “vocação solidária” (ibid, p.111), capaz de construir laços de resistência aos atores hegemônicos do processo de globaliza o capitalista, que permite através dos Pontos e da Rede Cultura Viva “ser um aporte da vida, uma parcela de emo o que permite aos valores representar um papel” (ibid, p.111)?

Cabe ainda outra questão: A partir das trocas de experiências entre os Pontos, se esta for utilizada como uma forma sist mica do conhecer global de uma forma crítica e política, poderá promover o que Santos (Santos 1999, p.116) diz sobre a existência “ser produtora de sua própria pedagogia?”.

Assim, ao investigar como se desenvolverão os Projetos Pontos de Cultura, no espaço local - espaço geográfico de sua comunidade, bem como, no diálogo com a Rede Cultura Viva, investigando como os conceitos de território e territorialidade, se constituem a partir do espaço “gera o ambiência” promovida nos Pontos a partir de sua a o cultural, e das possíveis “hermenêuticas instauradoras” que se originam nestes espaços, verificando também de que forma estas se constituem e dialogam com a rede, organizam-se para a sustentabilidade, compreendem a rela o local/global, o objetivo desta pesquisa   compreender quais são as singularidades que os Pontos de Cultura da região sul, articulam o processo de constru o da Rede Cultura Viva da Região Sul

E a partir da experiência dos Agentes Cultura Viva, de que forma as experiências educativas de a o cultural vividas pelo projeto contribuem para a compreensão territorial, ampliam o engajamento local, proporcionam novas a oes culturais e novos diálogos com a cidade.

Sabe-se que, frente ao enfraquecimento das no oes de região, as formula oes atuais na geografia sobre o conceito de território, a partir das contribui oes de Milton Santos entre outros (Blume 2004, p. 49) ampliam a visão conceitual anteriormente vinculadas exclusivamente   forma geométrica espacial do território (fundamentos exclusivos do Estado-Na o) para uma nova concep o, onde se prevalece para a análise as rela oes flexíveis que ocorrem no espaço. Como nos apresenta Blume, a partir de Santos (1995), a compreensão de território na geografia passa-se pelo “o uso do território, e não o território em si mesmo”. Assim, segundo Blume, qualifica-se o conceito de território, e as rela oes flexíveis no território passam a ser

analisadas pelas manifestações do cotidiano, sendo que tais posições correspondem às relações vividas, por receberem a influência da multidimensionalidade do poder em sua constante oscilação entre simetrias e dessimetrias presentes na prática social. (Blume 2004, p. 49).

Blume (2004, p. 52) aponta ainda que nas formulações atuais na geografia, dos conceitos de território passam por um diálogo entre o território político, o território simbólico e o território onde o político e o simbólico se fundem. Na perspectiva política de território, caracteriza-se o conceito a partir das relações de poder e apropriação do espaço em várias esferas de análise. Como aponta Santos (1995) “O território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”.

O território simbólico valoriza a identidade territorial, o vivido. Para Raffestin (1993), “a dimensão simbólica para os estufos territoriais” (...) reflete a multidimensionalidade ao vivido territorial, pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral ““.

Na perspectiva da fusão da concepção política e simbólica, Blume (2004, p. 52) apresenta a visão de Haesbaert (2002) “o território é um produto de uma relação desigual de forças envolvendo o domínio ou o controle político – econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados, ora desconectados e contrariamente articulados”.

Para Mesquita (1995, p 84) refletindo a partir das concepções de Raffestin, Lefort e outros, o território é o que é mais próximo de nós, pode ter significação individual e social, e se faz e se recria no cotidiano.

É o que nos liga ao mundo. Tem a ver com a proximidade tal como existe no espaço concreto, mas não se fixa a ordens de grandeza para estabelecer a sua dimensão ou o seu perímetro. É o espaço que tem significação individual e social. Por isso ele se estende até onde vai a territorialidade. Esta é aqui entendida como projeção de nossa identidade sobre o território (ibid).

As redes sociais, como sabemos, cada vez mais vem sendo uma alternativa para os movimentos sociais se fortalecerem numa prática contra-hegemônica à globalização capitalista. A tecnologia favoreceu, ampliou e fortaleceu o trabalho destas redes. Está aí o sucesso dos Fóruns Sociais Mundial, lugar onde estas redes se ampliam, e que depois da primeira experiência em Porto Alegre, se multiplicaram em pequenas redes, organizando novos Fóruns Sociais, como os municipais, estaduais, os de países e os continentais.

O Programa Cultura Viva aposta na construção da Rede Cultura Viva, e vê nela a possibilidade de fortalecimento das práticas sócio-culturais através do intercâmbio entre os Pontos.

Sabe-se que com o avanço da globalização capitalista e o desenvolvimento tecnológico, desenvolveu-se o mito da desterritorialidade. Haesbaert, (2004 p.16) no seu livro o Mito da Desterritorialização, nos apresenta que

expressões clássicas como a da ‘aniquilação do espaço pelo tempo’ foram responsáveis por grande parte do preconceito ‘espaço-territorial’ que envolveu cada vez mais os territórios em uma carga negativa.

Baseado no debate de Guattari e Deleuze, Haesbaert (2004, p.279) aponta que é possível identificarmos “‘um território no movimento’ ou ‘pelo movimento’”.

Talvez esta seja a nossa grande experiência pós-moderna da nossa experiência espaço-temporal, onde controlar o espaço indispensável a nossa produção territorial não significa (apenas) controlar áreas e definir e definir “fronteiras”, mas, sobretudo, viver em redes, onde as nossas próprias identificações e referências espaço-simbólicas são feitas não apenas no enraizamento e na (sempre relativa) estabilidade, mas na própria mobilidade.

Se como aponta Haesbaert as redes podem ser vistas como um constituinte do território rede, sendo assim território-rede, há de se perguntar se os participantes das ações culturais dos Pontos de Cultura identificarão a Rede Cultura Viva, como um território. E a partir daí identificar, através deles, o que é território e territorialidade pelo o que entenderem da projeção de sua identidade no território.

E, partir das reflexões de Milton Santos (1999, p.30) sobre as técnicas, “que são um conjunto de meios instrumentais e sociais com o qual o homem realiza sua vida, produz, e ao mesmo tempo cria espaço”, é possível pensar num mapeamento desta rede cultural, a partir da tecnologia social desenvolvida no processo educativo dos Pontos de Cultura?

No livro *Por uma outra globalização*, Santos (2001, p.170) aposta num momento novo, onde ao elencar as condições de um novo mundo possível, apontam que há possibilidades de implementação de um novo modelo social, econômico e político. Este novo modelo, para o autor, surge quando “a partir de uma nova distribuição de bens e serviços, conduza à realização de uma vida coletiva, solidária e, passando pela escala do lugar à escala do planeta, assegure uma reforma do mundo por intermédio de realizar uma outra globalização” (ibid).

Na perspectiva da cultura, Santos aposta numa revanche da cultura popular, sobre a cultura de massa (ibid 144). Esta revanche está para o autor na apropriação da cultura popular dos instrumentos da cultura de massa. Embora saibamos como aponta Santos, que “os debaixo” não dispõem de meio para participar plenamente da cultura de massa, é através da própria experiência vivida da cultura popular, o seu maior instrumento de resistência. A cultura popular conforme aponta Santos

[...] por ser baseada no território, no trabalho, no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massa. Gente junta cria cultura e paralelamente cria uma economia territorializada. Essa cultura de vizinhança valoriza ao mesmo tempo a experiência da escassez e a experiência da convivência da solidariedade.(ibid 145)

Por ser gerada de dentro, a cultura popular é para Santos um alimento da política dos pobres, e aquilo que se parece fraqueza, como destaca o autor é na realidade uma força, “já que se realiza desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo

humano”. Os símbolos da cultura popular são para Santos “portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade” (ibid).

Desta forma, cabe aqui perguntar, haverá na experiência da Rede Cultura Viva da Região Sul, e nas ações culturais dos Pontos de Cultura, “experiências de vizinhanças” capazes de possibilitar uma nova economia territorializada, contribuindo também para a deformação da cultura de massa?

Santos (146) aposta nas condições empíricas da mutação, onde a emergência das massas se potencializa na efetivação da economia dual que conduz a duas formas de divisão de trabalho e duas lógicas urbanas distintas e associadas, tendo como base de operação o mesmo lugar.

O fenômeno já entrevisto de uma divisão do trabalho por cima e e de uma outra por baixo tenderá a se reforçar. A primeira pretende-se ao uso obediente das técnicas da racionalidade hegemônica, enquanto a segunda é fundada na redescoberta cotidiana das combinações que permitem a vida, e segundo os lugares, operam em diferentes graus de qualidade e quantidade (ibid)

Desta forma, cabe perguntar, quais serão, a partir das reflexões de Santos, as combinações que permitem a vida, potencializadas na experiência dos Pontos de Cultura e na Rede Cultura Viva da Região Sul?

Na continuação do diálogo com Santos, que aposta na diferença da divisão do trabalho entre os de cima e os de baixo. Na divisão do trabalho de cima, a solidariedade é gerada de fora, dependente de valores verticais, relações pragmáticas, num campo de maior velocidade, rigidez de norma econômica e irracionalidade radical: “Sem obediência cega não há eficácia” (ibid). Na divisão do trabalho de baixo, para o autor, a solidariedade é produzida a partir de dentro e dependente de vetores horizontais “cimentados no território e na cultura local”. “[...]Há um dinamismo intrínseco, maior movimento espontâneo, mais encontros gratuitos, maior complexidade, mais riqueza (movimento de homens mais lentos), mais combinações. Produz uma nova centralidade do social [...]” (147).

Assim, quais serão as redes de solidariedade criada entre os Pontos, capazes de produzir uma nova centralidade do social?

Ao querer investigar a constituição da Rede Cultura Viva da Região Sul, e alguns Pontos de Cultura, tem-se também como objetivo, responder as questões já apresentadas, onde também procura-se entender se esta nova política cultural do governo federal, potencializa um movimento de resistência a globalização hegemônica da cultura de massa. Os instrumentos do Programa Cultura Viva para isto, se encontram para além do seu investimento no que diz respeito ao repasse de recurso financeiro para as instituições dos Pontos de Cultura. Ao fomentar para a mobilização de formação de Fóruns Estaduais, Regionais e Nacionais, parece que o Programa Cultura Viva estimula o fortalecimento de representação social e política dos Pontos de Cultura, junto às ações governamentais ou não, que atuem na área da cultura. Cabe ainda lembrar aqui que, o Programa Cultura Viva faz um investimento também na difusão cultural dos Pontos de Cultura, seja pelo incentivo e capacitação da linguagem digital apostando no

software livre, na difusão e capacitação da criação de produtos culturais, como também com outras articulações institucionais para promoção da sustentabilidade destes projetos.¹⁵

Assim, cabe lembrar aquilo que Castell (1999, p. 565) conceitua como Redes: “Redes constituem uma nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados produtivos e de experiência, poder e cultura”.

A palavra Rede vem do latim *retis* e, a partir de significados diversos que relacionam a trama, entrelaçamento de fios, ligações entre pontos, pode ainda ser definida sob a ótica dos sistemas vivos, como estrutura interligada que possuem propriedades e dinâmicas específicas como não a linearidade, laços de retro-alimentação, auto - organização e capacidade de operar de forma não hierárquica. “Onde quer que encontremos sistemas vivos, organismos, partes de organismos ou comunidades de organismos – podemos observar que seus componentes estão arranjados à maneira de rede. Sempre que olharmos para a vida, olhamos para as redes. [...] O padrão da vida, poderíamos dizer, é um padrão de rede capaz de auto organização”.(Capra 2002. p 78)

Sabe-se que o conceito de redes transcende a rede da tecnologia virtual, e do ponto de vista sociológico, a organização das sociedades em redes é tão antiga quanto a humanidade, tendo existido em outros espaços e tempos, adequadas as realidades e contextos da época. No entanto, não há como falar dessa forma de organização social, no momento atual, sem tocar em questões fundamentais do processo de transformação de nossa sociedade, como “[...] a construção de identidade, movimentos sociais, transformações no processo político e econômico e a crise do Estado na era da informação” (Castells, 1999, p 566).

Castells assim com Santos, entre outros autores que discutem e abordam as temáticas das redes, sinalizam sua relação de poder. Castells nos ajuda a refletir quando se percebe que a tecnologia da informação é justamente aquilo que oferece a base material que permite a sociedade adotar, em escala, essa forma de organização social, destacando-se que a “geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se fontes fundamentais de poder, numa informação na qual a informação é o produto do processo produtivo” (Castells, 1999, p. 566). Santos, ao nos apontar os dados sociais das redes, nos diz, que toda a rede é social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a freqüentam. “Sem isso a rede material é uma mera abstração”(2001, p)

Ao refletir sobre as redes, o passado e o presente e sua relação com o território, Santos (1999, p.210) nos provoca a construir um olhar sobre o foco genético e o foco atual das redes. O foco genético é visto para o autor, como um processo. O foco atual, como um dado na realidade. Para Santos, estes dois focos não são estanques, e para compreender as redes, o desafio é unir estes dois focos.

¹⁵ Um dado do Programa Cultura Viva é que se verificou que 70% dos Pontos de Cultura trabalham com audiovisual. Desta forma, os produtos destes Pontos de Cultura já estão em circulação seja pelas redes virtuais, mostras culturais e outras que surgem a partir de novas articulações. No ano de 2007, em parceria com a TVE/RJ o Programa Cultura Viva realizou o Projeto Ponto a Ponto, que constituía um programa sobre os Pontos de Cultura. Nesta primeira edição foram editadas 26 programas que tem circulação nas TVEs do Brasil e na TV Pública, divulgando 60 Pontos de Cultura do Brasil. Encontros com instituições empresarias junto aos Pontos de Cultura também vem sendo uma articulação as Secretaria de Programas e Projetos Culturais – SPPC, responsável pelo Programa no Ministério da Cultura. Destaca-se o projeto com a Rede de supermercados Pão de Açúcar, que tem um quiosque de vendas de produtos artesanais. Os Pontos de Cultura interessados nesta parceria, encaminham sua produção artesanal à empresa, que faz então a comercialização e a divulgação do seu produto.

O foco genético é “forçosamente diacrônico, as redes são formadas por troços, instalados em diversos momentos, diferentemente dilatados, muitos dos quais já não estão na configuração atual e cuja substituição no território também se deu em momentos diversos” (ibid) Para Santos a sucessão não é aleatória, cada movimento se opera na data adequada, isto é, “quando os movimentos sociais exigem uma mudança morfológica e técnica” (ibid).

No foco atual, é a descrição do que constitui um estudo estatístico de qualidades e quantidades técnicas, mas é também, como nos aponta Santos, “o estudo da avaliação das relações que os elementos da rede mantêm com a presente vida social em todos os seus aspectos, isto é, essa qualidade de servir como um suporte corpóreo do cotidiano” (ibid).

Assim, Santos nos sugere que um estudo da visão atual das redes envolve, a idade “mundial” da respectiva técnica e sua longevidade, quantidade e distribuição destes objetos, o uso que lhe é dado, das relações que tais objetos mantêm com os outros fora da aldeia considerada, das modalidades de controle e regulação do seu funcionamento. (ibid)

Sabe-se que ao se pensar em redes de tecnologia social que surgem na lógica solidária, emancipatória e libertária, é importante entender como nos aponta Cássio Martinho¹⁶, que as redes devem ter organização horizontal, isto significa isonomia e insubordinação, desconcentração de poder, multiliderança, coordenação ou gestão compartilhada e princípio de coesão que se encontram em objetivos e valores comuns.

Apostando na auto-organização de uma rede, Martinho aposta numa “comunidade de propósito”, ou seja, as pessoas criam uma rede ou participam dela em função de um objetivo comum.

O surgimento das redes ocorre quando um propósito comum consegue aglutinar diferentes atores e convocá-los para ação. O elemento de coesão das redes é uma idéia força, uma tarefa, um objetivo comum. Algo que parece frágil como princípio organizacional, mas quando potencializado pela ação voluntária se constitui num poderoso agente de transformação. (2003, p. 89)

Como já foi apontado antes, o Programa Cultura Viva aposta que a Rede Cultura Viva seja horizontal e orgânica. Santos (1999, p.211) nos faz ainda refletir que quanto mais avança as redes atuais mais elas se diferem das redes de um passado que se encontravam numa relação de espontaneidade no território. O autor nos aponta que, quanto mais avança a civilização material mais se impõe o caráter deliberado na constituição da rede. Ou seja, na montagem da rede, supõe-se uma antevisão das funções que poderão exercer, tanto material quanto de gestão. Santos, ainda refletindo com Barris (ibid), diz: é assim que se cria o que Barris chama de “espaço de transação”, que é porção do espaço total, cujo conteúdo técnico permite transações permanentes, precisas e rápidas”.

¹⁶ Cássio Martinho trabalha como consultor para implementação de Redes. Ele é o organizador da publicação “Redes”: Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Publicação WWF 2003.

Neste sentido, como política cultural pode-se pensar que a Secretaria de Programa e Projetos Culturais, que coordena o Programa Cultura Viva, apostando na Rede Cultura Viva como um espaço de articulação e emancipação dos Pontos de Cultura, tem proporcionado vários espaços de transação, no conceito de Barris.

Apostando na rede horizontal e orgânica, como nos aponta também Martinho, o Programa Cultura Viva, criou várias instrumentalizações materiais, como nos aponta Santos. E, para além do repasse de recurso ou da formação em software livre como já foi destacado, há ainda os encontros regionais de Pontos de Cultura, os Nacionais, os Boletins Semanais – Ponto a Ponto¹⁷, o Mapa dos Pontos, os estímulos as organizações do Fóruns, as sub-redes temáticas, etc. Todas estas ações, as vezes mais institucionalizadas, as vezes não, tem como objetivo possibilitar o empoderamento de articulação política entre os diferentes Pontos de Cultura e seus atores sociais.

Marinho destaca a “comunidade de propósito”, o Programa Cultura Viva fornece instrumentos materiais para a articulação de uma rede horizontal e orgânica, da sociedade civil para a emancipação da cultura popular e da democratização da produção cultural brasileira, mas a rede se forma, se constitui através de iniciativas, de articulações, de sobreposições, de pontos de difusão, retro-alimentação, aglutinação, e da não linearidade, entre outros, como nos apontaram os autores acima. Se ela vai ser um instrumento de poder, e que nível de poder, e para quem e como, isto só buscando estudá-la.

A partir das reflexões já apontadas anteriormente neste projeto, ao investigar o desenvolvimento dos Projetos dos Pontos de Cultura nos seu espaço local - espaço geográfico de sua comunidade, bem como no diálogo com a Rede Cultura Viva, ao investigar como os conceitos de território e territorialidade se constituem a partir do espaço "Geração de Ambiência" promovida nos Pontos de Cultura a partir de sua ação cultural. E ao verificar quais são as “hermenêuticas instauradoras”, que ao se organizarem nestes espaços território-local (comunidade) e território-rede, promovem um "agenciamento de futuro", o objetivo geral desta pesquisa é compreender no período de investigação da mesma, **quais são os elementos agenciadores na troca dos Pontos de Cultura que constituem a Rede Cultura Viva da Região Sul? Considerando estes elementos agenciadores a serem identificados na troca entre os Pontos de Cultura, nas Gerações de Ambiências, nas Hermenêuticas Instauradoras, são eles capazes de promover a consciência territorial em diálogo com a compreensão da identidade?**

Referências Bibliográficas

BLUME R. **Território e Ruralidade** – A desmistificação do fim rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PGDR. PoA /RS. 2004

BLASS L M S. **Qual cor dos Olhos da Tecnologia?** – Ciências Sociais na Atualidade – Realidades e Imaginários. Org. Bernardo T e Resende A. P-E. Ed. Paulus. SP /SP. 2007.

CASTELLS M. **A Sociedade em Rede** – A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Volume 1. Ed. Paz e Terra. SP / SP. 2007.

¹⁷ Boletim semanal divulgado pela SPPC, via rede virtual para todos os Pontos de Cultura com notícias do Programa e dos Pontos de Cultura. O Boletim Ponto a Ponto tem como objetivo socializar a informação, divulgando e promovendo novas articulações.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. Cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Porque arte-Educação?** 5 ed. Campinas: Papirus, 1988.

DORNELES, Patrícia. **Arte e Cidadania – Diálogos na experiência do Projeto de Descentralização da Cultura da Administração Popular em porto Alegre** – Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC – 2001.PPGE [Dissertação de Mestrado]

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Um novo paradigma estético. Tradução por Ana L. de Oliveira e Lúcia C. Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Haesbaert R. **O Mito da Desterritorialização- Do “Fim dos territórios” à Multiterritorialidade**. Ed.Betrand Brasil. Rio de Janeiro. 2004.

MAY, R. **A coragem de criar**. 9. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.

MARTINHO, C. **“Redes”**: Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto organização e da auto-organização. Publicação WWF 2003.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org) et. al. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Grall, 1999.

_____. **Para uma política da amizade**. Arendt, Derrida, Foucault. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

RAFFESTIN, Claude (1993) **Por uma Geografia de Poder**. São Paulo. Atica

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & cia**. São Paulo: Annablume, 1994.

REGO, N; SUETERGARAY D; HEIDRICH A (orgs.). **Geografia e Educação – Geração Ambiências**. Porto Alegre – Ed. UFRGS 2000. PoA /RS

REGO N; Aigner C; Pires C; Lindau H (orgs). **Um pouco do Mundo cabe nas Mãos – Geografizando em Educação o Local e o Global** – Ed UFRGS. 1ª ed. 2003 – PoA /RS.

SANTOS M. **Por uma outra globalização - do pensamento único á consciência universal** – Ed. Record. Rio de Janeiro 2001.

----- **Da totalidade ao Lugar** – Edusp.2002 – São Paulo.

A Natureza do Espaço – Tempo, técnica, razão emoção. Ed. Hucitec.
3ª ed. São Paulo. 1999
Mesquita Z; Brandão C.R. (orgs) **Territórios do Cotidiano – uma introdução a novos olhares e experiências.** Ed. UFRGS. 1995. Poá /RS.

Caderno Cultura Viva – Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania.- Ministério da Cultura – Brasil. 2004.